

Geofilosofia e Oswald de Andrade como terra preta indígena e compostagem

Geophilosophy in Oswald de Andrade as indigenous black terra and composting

Geofilosofia en Oswald de Andrade como tierra negra indígena y compostaje

Géophilosophie chez Oswald de Andrade comme terre noire indigène et compostage

FLÁVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS¹, DIEGO FRANK MARQUES CAVALCANTE², DAIANE GASPARETTO DA SILVA³

Resumo: Este artigo teve como objetivo ser um ensaio em que pensamos a geofilosofia em Oswald de Andrade como elemento do modernismo por meio dos Manifestos Pau-Brasil e Manifesto Antropófago tecidos para fazer deglutição de acontecimentos múltiplos. Fazer terra preta e tecer compostagens foi uma tentativa de criar passagens de elaboração nos processos de subjetivação e forjar subjetividades em insurreição por meio da força em devir da antropofagia como conexão de intensidades em movimentos de territorialização e desterritorialização que ecoam línguas outras e nos fazem devorar e deglutir como quem inventa-se e cria mundos em experimentações do desejo. Há uma ética, estética e política que ressoam na criação que pode ser capturada.

Palavras-chave: Geofilosofia; Terra preta; Compostagem.

Abstract: This article aimed to be an essay in which we consider geophilosophy in Oswald de Andrade as an element of modernism through the *Pau-Brasil Manifestos* and the *Antropófago Manifesto*, woven to swallow multiple events. Making black earth and weaving composts was an attempt to create passages of elaboration in the processes of subjectivation

¹ Graduada em Psicologia-UNESP, Mestre em Psicologia Social-UNESP, Doutora em História Cultural - UNESP, Pós-doutora em Estudos da Subjetividade -UFF, Professora Titular de Psicologia Social na UFPA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPQ-PQ2. E-mail: flaviacslemos@gmail.com. Lattes: [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Flávia Cristina Silveira Lemos\)](#)

² Professor adjunto da Universidade Federal Do sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). É comunicólogo, especialista em neuropsicologia, mestre em sociologia e doutor em Ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: diegomarques@unifesspa.edu.br. Lattes: [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Diego Frank Marques Cavalcante\)](#)

³ Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Pará, mestra e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Especialista em Neuropsicologia. Em 2015, atuou como docente no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR); entre 2015 e 2017, como professora substituta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará; e, de 2019 a 2023, como professora substituta do Departamento de Psicologia da Universidade do Estado do Pará. E-mail: daianegs@gmail.com. Lattes: [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Daiane Gasparetto da Silva\)](#)

and to forge subjectivities in insurrection through the force of becoming anthropophagy as a connection of intensities in movements of territorialization and deterritorialization that echo other languages and make us devour and swallow as if we were inventing ourselves and creating worlds in experiments of desire. There is ethics, aesthetics and politics that resonate in creation that can be captured.

Keywords: Geophilosophy; Black Earth; Composting.

Resumen: Este artículo pretendía ser un ensayo en el que consideramos la geofilosofía en Oswald de Andrade como un elemento del modernismo a través de los Manifiestos Pau-Brasil y el Manifiesto Antropófago, tejidos para tragar múltiples eventos. Hacer tierra negra y tejer compost fue un intento de crear pasajes de elaboración en los procesos de subjetivación y forjar subjetividades en la insurrección a través de la fuerza del devenir antropofagia como una conexión de intensidades en movimientos de territorialización y desterritorialización que hacen eco de otros lenguajes y nos hacen devorar y tragar como si nos inventáramos y creáramos mundos en experimentos de deseo. Hay una ética, una estética y una política que resuenan en la creación que se puede capturar.

Palabras clave: Geofilosofía; Tierra negra; Compostaje.

Resumé: Cet article se voulait un essai dans lequel nous considérons la géophilosophie chez Oswald de Andrade comme un élément du modernisme à travers les Manifestes Pau-Brasil et le Manifeste Antropófago, tissés pour absorber de multiples événements. Fabriquer de la terre noire et tisser des composts était une tentative de créer des passages d'élaboration dans les processus de subjectivation et de forger des subjectivités dans l'insurrection par la force du devenir anthropophagie comme connexion d'intensités dans des mouvements de territorialisation et de déterritorialisation qui font écho à d'autres langages et nous font dévorer et avaler comme si nous nous inventions et créions des mondes dans des expériences de désir. Il y a une éthique, une esthétique et une politique qui résonnent dans la création et qui peuvent être capturées.

Mots clés: Géophilosophie; Terre noire; Compostage.

Introdução

Este artigo é um exercício de pensar a importância no presente das contribuições de Oswald de Andrade, nas primeiras décadas do século XX que ainda ressoam na atualidade com efeitos de abertura de possibilidades para quem deseja ir além de uma visão de monocultura nas artes e na vida nos mais diferentes aspectos.

Também é pulsante em uma força de invenção que transversaliza territórios de existência em uma prática de operar com acontecimentos singulares se tornam uma transvaloração dos valores, tanto no Manifesto Pau-Brasil quanto no Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade.

Para tanto, agenciamos a antropofagia na literatura com a fabulação em Donna Haraway (2023), a geofilosofia em Deleuze e Guattari (1992) a compostagem da terra preta indígena na Amazônia na arqueologia de Eduardo Góes Neves (2022) como

multiplicidade de modos de vida e saberes locais deglutidos em processos de subjetivação que se atualizam e operam como uma ecosofia de Guattari (1993) que se faz pela caosmose ética, estética e política no diálogo com a ecologia. “O canibalismo como imagem do pensamento, o inimigo como personagem conceitual: resta todo um capítulo da geofilosofia deleuzo-guattariana a escrever: Uma expressão prototípica de Outrem na tradição ocidental é a figura do Amigo. O Amigo é outrem, mas outrem como ‘momento’ do Eu” (Castro, 2018, p. 225).

Para compor o encontro com Oswald de Andrade, convidamos Deleuze e Guattari para a conversa com vistas a articular os territórios de existência com os processos de diferenciação em uma ontologia histórica de nós mesmos(as) em que possamos caminhar sem colagem aos modos de vida sectários à cultura e quaisquer maneiras de banalizar e naturalizar a subjetividade (Nicola; Nicola, 2021).

O Manifesto Pau-Brasil, é publicado por Oswald de Andrade, em 1924 e trouxe a aposta em uma literatura feita no país com elementos da história e da cultura presentes no cotidiano e nos modos de vida que traziam valores da produção da diferença no Brasil. Oswald de Andrade produzia um movimento modernista com nuances de irreverência e crítica ao Brasil nacionalista e ufanista, ao liberalismo burguês de elites que importavam ideias europeias sem pensá-las, tentando repetir valores e maneiras de viver de certo modo reféns de heranças coloniais (Carpeaux, 2021).

Já no Manifesto Antropófago foi lançado em 1928 por Oswald de Andrade, sendo ligado ao movimento modernista com o objetivo de apresentar uma subversão da cultura de outros países, principalmente ainda submissa ao domínio europeu que trazia fortes resquícios do colonialismo. Oswald de Andrade, ao propor uma torção anticolonial da cultura modernista era uma maneira de exercer o canibalismo dos povos tupinambás e caetés na sua força vital de deglutir e devorar o que antes era pensado como externo de modo articulado à superioridade do que não era produzido nas artes do Brasil.

Havia um governo da língua por meio do português marcado fortemente por colonialidades que foi interrogado por Oswald de Andrade, ao operar uma crítica ao ufanismo nacionalista do Brasil com seus ideários de integração pela presença militar na construção dos mitos de um Brasil como nação liberta pelas espadas de

marechais e gerais e pela visão de uma política cultural marcada pela tentativa de fazer da miscigenação uma vertente do liberalismo individualista em paradoxo com os valores de coronéis na gestão do agronegócio da pecuária que era presente na República Velha (Carpeaux, 2021).

O canibalismo deveria acontecer com a própria língua portuguesa para efetuar a crítica dos atravessamentos ibéricos nos corpos e valores. Assim, era possível criar arte na/da brasilidade em resistência aos valores que foram trazidos pela língua portuguesa imposta aos povos indígenas dizimados e aos negros sequestrados de suas comunidades africanas para serem escravizados.

Era importante comer outros saberes e mastigar os mesmos como quem devora para transformar e inventar outros modos de existência, em uma crítica à dependência cultural e à lógica imperial que vinha do Hemisfério Norte como referência nas artes e deveria ser alvo de uma ação antropofágica de devorar e mastigar, comer com o uso de uma saliva singular que transforma e traz composições múltiplas.

É possível afirmar que havia uma geofilosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) no movimento modernista das primeiras décadas do século XX por meio do Manifesto Antropofágico de 1928 de Oswald de Andrade na mutação dos territórios existenciais e nos corpos e desejos na deglutição de aspectos culturais e modos de viver que são processos de territorialização e desterritorialização.

Produção da subjetividade, compostagem e terra preta em movimento antropofágico

Ao contrário de várias afirmações sobre Oswald de Andrade, não havia na arte e preocupações dele valores ufanistas, nem nacionalistas, muito menos racistas e identitários. As ideias no Manifesto Pau-Brasil e no Manifesto Antropófago eram de colocar em xeque um patriotismo moralizante e uma visão idílica do país na noção de miscigenação e de qualquer tipo de retorno a um estado de natureza (Carpeaux, 2021).

Dessa forma, há um acontecimento analisador nos dois manifestos oswaldiano que podemos nomear a partir de Deleuze e Guattari (1992) como geofilosofia, ou seja:

Pensar não é um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz na relação entre o território e a terra [...] vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização in loco, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada [...] Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios (1992, p. 113).

A potência dos manifestos estava na criação de mundos outros com uma proposição de desterritorialização e territorialização de subjetividades que eram multiplicidades e processos de subjetivação em atualização de intensidades. Neste sentido, podemos aproximar Deleuze e Guattari (1992), na filosofia de um pensamento da diferença do perspectivismo de Oswald de Andrade.

Nesse diapasão, é interessante notar que a antropofagia é um movimento que faz digestão e alimento como atualização em um campo estético da existência enquanto território que se desterritorializa e se reterritorializa para traçar deslocamentos de si e do mundo de modo concomitante. A geografia sai do campo apenas da análise da matéria extensa e se transforma em uma conexão de processos em variação de acontecimentos.

O conceito de antropofagia pode ser usado para atualizar um processo de elaboração e produzir efeitos em redes de ressonâncias múltiplas, no presente como deglutição de acontecimentos variados, em um plano de composição de encontros.

A produção de um plano de *afectos* como atualização de potências virtuais que são intensidades e produzem diferenciações por multiplicidades é uma prática de elaborar nas relações entre subjetividade e subjetivação os elementos do que comemos e de que como o fazemos.

A atualização do virtual, ao contrário, sempre se faz por diferença, divergência ou diferenciação. A atualização rompe tanto com a semelhança como processo quanto com a identidade como princípio. Nunca os termos atuais se assemelham à virtualidade que eles atualizam: as qualidades e as espécies não se assemelham às relações diferenciais que elas encarnam; as partes não se

assemelham às singularidades que elas encarnam. A atualização, a diferenciação, neste sentido, é sempre uma verdadeira criação... Atualizar-se, para um potencial ou um virtual, é sempre criar linhas divergentes que correspondam, sem semelhança, à multiplicidade virtual (Deleuze, 2006, p. 298-299).

Assim, é possível afirmar que a antropofagia como geografia do pensamento da diferença se torna um humor e ironia nas ações oswaldianas que explicitavam a dimensão política e ética dos manifestos que ele fez e das ressonâncias deles em uma zona de vizinhança com os saberes locais, a interrogação do elitismo acadêmico, dos moralismos burgueses e dos ideais de um Brasil calcado na agropecuária nas primeiras décadas do século XX. Assim, havia ecos de Oswald na sociedade e ainda há no presente com a potência disruptiva de um artista que se posicionava como marginal diante dos valores liberais e acadêmicos.

E era na marginalidade que Oswald encontrava um respiro e uma linha de fuga dos territórios de existência sobrecodificados e abria brechas para a invenção de saberes, de novos modos de ser e de uma ética subjetiva como postura diante do mundo. Nesse ponto, há uma perspectiva de Deleuze e Guattari (1992) que podemos convidar a conversar com Oswald que é a de uma geografia que se desfigura como território administrativo de soberania jurídica e de uma raiz essencialista do historicismo na concepção da história da arte e do Brasil.

Logo, com as análises afinadas de Deleuze e Guattari (1992), há um entrelaçamento entre terra e território para produzir uma matéria que vai além da geografia como biomas e descrição de variáveis físicas e humanas que estudamos no currículo quando este é esvaziado da potência da diferença e da possibilidade inventiva.

A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um 'meio' [...] Ela a arranca das estruturas, para traçar as linhas de fuga [...] Enfim, ela arranca a história de si mesma, para descobrir os devires, que não são a história, mesmo quando nela recaem [...] (Deleuze, Guattari, 1992, p. 124-125).

Ao escutarmos as descontinuidades nas potências estéticas oswaldianas, podemos pensar como a heterogeneidade dos processos de subjetivação brasileiros

trazem forças intensivas que entram em variação e não ficam restritas às marcações de coordenadas, ordenadas e variáveis de latitude e longitude na geografia tradicional (Deleuze; Guattari, 1995). É justamente a possibilidade de variação que permite o traçar da linha de fuga de uma língua menor, de um gaguejar na própria língua para romper com o governo dos rastros coloniais na linguagem na produção artística e da subjetividade para operar uma antropofagia da existência em diálogo com a desterritorialização de um Brasil enquanto pátria com o objetivo de criar outros territórios de brasilidades.

Não havia um objetivo de assimilação em Oswald de Andrade e, muito menos de integração nacional. Efetivamente, as práticas dos manifestos oswaldianos eram da ordem da diferença em devir, de línguas que são semióticas em que há disjunção entre o ver e o falar, entre o ver e o dizer, em um deslocamento de si que também é desnível discursivo e de poder em processos de exterioridade radical.

Havia, em Oswald um desejo de fabular com o húmus da terra que trazia composições e agenciamentos de enunciados de um pensamento sem imagem, por isso, criativo e de uma intuição afetiva que era uma arte de encontros por conexão e não por identitarismos sectaristas. O húmus da fabulação é como a terra preta indígena, em que há uma fertilidade do solo pela diferença e como crítica à monocultura.

De acordo com Haraway (2023), o húmus é o resultado da compostagem enquanto composição multiespécie de vários elementos que tornam a terra extremamente diferenciada e singular e a articula com saberes locais e modos de vida do cotidiano que se tornam também uma cosmopolítica como fabulação especulativa e um brincar com os conceitos e modos de existência na relação com plantas, água, floresta, terra, pedras, cerâmicas, cestarias, cascas de ovos, folhas caídas, insetos, animais em decomposição, bactérias, fungos, literatura, artes diversas, ciências, política, ética e estéticas, em um movimento do que ela nomeia como ficar com o problema, ou seja, fazer perguntas e proliferar mundos outros, processos de diferenciação.

Com efeito, para Haraway (2023, p. 27), ao pensar como ficar com o problema, declara que “importam as matérias que usamos para pensar outras matérias; importam as histórias que contamos para contar outras histórias”.

Não há em Oswald de Andrade uma visão dualista de Europa versus América Latina ou versus Hemisfério Sul de modo binários e linear. Poder devorar e elaborar vai além de simplesmente fazer oposição e se contrapor. Poder deglutir implica em criar materialidades e se constituir ao poder enlamear-se tal qual um artista se faz e se refaz por suas produções insólitas que os arrancam de onde estavam e os engole para os cuspir outros e nunca nos mesmos lugares.

Portanto, não se busca uma imagem dos povos indígenas Tupinambás para deles realizar uma mestiçagem e/ou uma assimilação e muito menos defender ideias de aculturações. Interrogamos essas práticas e as colocamos em xeque para pensarmos que Oswald de Andrade estava na terceira margem do rio com Guimarães Rosa na aventura de um nomadismo que inventava paisagens em desníveis e discontinuidades para moer as raízes e as triturar como húmus que entra em composição com vegetais em decomposição e cerâmicas na terra preta indígena a qual se refere a arqueologia de Eduardo Góes Neves e à compostagem a qual se dedica Donna Haraway.

Para poder entrar em composição com a lama não se pode ficar restrito ao território como imagem fixa e nem ser apenas desterritorializado e levado ao vento sem qualquer aspecto que traga possibilidades de aterrar em algum momento mesmo quando a desterritorialização é radical. Assim, as desterritorializações são variadas e engendram invenções que são potências de pensar a diferença em ato.

Ora, os manifestos de Oswald teriam fabricado processos de movimento que forjaram pelo modernismo um campo de desterritorialização em alguma medida, mas ainda não foram levados ao extremo, pois, o Brasil ainda traz práticas racistas, de sociabilidades violentas, de uma diversidade de preconceitos e discriminações negativas que tentam apagar e silenciar a diferenciação e são lutas permanentes de uma disputa de ocupações de territórios de existências que não cessam de ressoar e, ao mesmo tempo, de serem capturados por mecanismos de reterritorialização do desejo em alguma lógica reativa.

No bojo dessa perspectiva, temos os trabalhos do arqueólogo Eduardo Góes Neves (2022), a terra preta é o resultado das cosmovisões indígenas que não ocupam a terra da mesma forma que a agropecuária ou quem se denomina civilizado nos centros urbanos. Na Amazônia central e baixa, há terra preta e pode ser identificada,

por exemplo, pelos estudos arqueológicos, tais como os que são realizados por Eduardo Góes Neves, ao pensar uma etnologia indígena. Assim, a fertilidade está no modo de fabular a relação com os vegetais, a fauna, a água e vários elementos dos territórios que são como agências em composição sem hierarquia e centralização.

Com efeito, trata-se de fazer conexão que não é assimilar de forma alguma. A lógica é de criar diferença em produções de singularidades que não são aprisionamentos de racialização e etnicização ou ainda de nacionalidades que operam essencialismos de patriotismos moralizantes. A produção da diferença repete em diferenciação e aponta o devir como língua menor que se faz uma possibilidade de criar existências diferenciais. “Uma máquina de Kafka é, portanto, constituída por conteúdos e expressões formalizadas em graus diversos como por matérias não formadas que nela entram, dela saem e passam por todos os estados” (Deleuze, Guattari, 2013, p. 17).

Nessa língua menor, podemos trazer em conexão os conceitos que são acontecimentos e abrem planos como transversalizações, ou seja, agenciamentos concretos que operam por aberturas de possibilidades de nos singularizarmos e de nos deslocarmos de territórios ou, até mesmo, criarmos outros espaços em que a micropolítica do desejo possa se afirmar como potência de vida.

Os conceitos são agenciamentos concretos como configurações de uma máquina, mas o plano é a máquina abstrata cujos agenciamentos são as peças. Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais (Deleuze, Guattari, 1992, p. 46).

Assim, os povos indígenas fazem terra preta sem intencionalidade e sem essencialismos, pois a produzem como ressonâncias de modos de vida que não visam derrubar a floresta e depois plantar somente soja, ou milho ou eucalipto etc.

Eduardo Góes Neves (2022) concorda com os estudos de Viveiros de Castro (2018) a respeito dos modos de vida perspectivos nas cosmopolíticas indígenas, especialmente, no caso dos tupinambás na Amazônia e a produção das suas experiências cosmogônicas, seus artefatos culturais e suas relações com a terra, o território, as plantas, os corpos, a água, a cerâmica, os alimentos, as formas de existência em um processo que pode ser denominado de metafísicas canibais como

alusão à deglutição antropofágica de elaboração existencial nas maneiras de viver e existir. Assim, nas subjetivistas:

[...] seja quais forem as misturas de fato entre nomadismo, itinerância e transumância, o conceito primário não é o mesmo nos três casos (espaço liso, matéria-fluxo, rotação). Ora, é somente a partir do conceito distinto que se pode julgar a mistura, quando ela se produz, e a forma sob a qual se produz, e a ordem na qual se produz (Deleuze, Guattari, 1995, p. 510).

Para Eduardo Góes Neves (2022, p. 145), “a formação de terras pretas provoca uma mudança ecológica local nos sítios arqueológicos” que podem explicitar uma terra que faz deglutição, em uma geofilosofia pela compostagem e por suas produções afirmativas da diferenciação na multiplicidade. Essa conexão é uma geologia em parentalidade com a filosofia da diferença. Nesse ponto, temos uma filosofia e geologia em movimento antropofágico que fabrica terra preta indígena assim como produz línguas menores e modos de existência inventivos nas artes e nas criações de subjetividades.

354

Considerações finais

Para Rolnik (2018), há resistências que podem se tornarem reativas mesmo quando começaram com processos ativos e fizeram antropofagias. Não se pode apenas pensar que resistir é só efetuar invenção de uma alteridade. A ética que se tece como estética e se efetua como política não é dissociada dos mecanismos que tentam delas se apropriarem para produzirem relações de dependência e efeitos nacionalistas e identitários que tentam ser colagens essencialistas que traçam ideais de retorno a algum paraíso de alienar-se em um modelo imaginário.

Afirmar uma vida não fascista não é algo permanente e sem crise para Deleuze & Guattari (1992). Ninguém é apenas vida ativa o tempo todo ou somente existência reativa. Se há uma potência na antropofagia é criar passagens de modos complexos de viver, de sentir, de agir, de pensar, de se relacionar e de subjetivar-se.

Ninguém será apenas variação ou colagem em um modelo integralmente. As intensidades ganham expressões e se atualizam por meio de uma vasta possibilidade de semióticas elaboradas em uma antropofagia que não se divide por racionalidades

binárias. A vida, assim como a literatura é escrita por movimentos de deglutição e não são ingenuamente somente invenção porque há atravessamentos coletivos do desejo e marcas de homogeneização que são da ordem da busca de alguma segurança, norma e, em alguns momentos, moral.

Questionar a busca da origem e da finalidade é uma aposta contra colonial que abre brechas antropofágicas em torções constantes das vontades de retorno a uma moral reativa de uma condição de ser sobrevivente resignado e reduzido à joguete de um destino e com má consciência e má fé de quem se justifica pela impotência e por uma mora de submissão e subserviência para se enquadrar ao mundo fragmentado em mercadorias e desencantamento de uma vida ressentida.

Essa escrita ética, estética e política buscou caminhar com desníveis e criar um plano em perspectiva para fazer outras línguas ou gaguejar na própria. Em “Kafka, por uma literatura menor”, Deleuze & Guattari (2013) assinalam que a escrita minoritária é uma linha de fuga desterritorizante dos modos de existências cristalizados e institucionalizados em uma política da verdade marcada por singularizações que se alimentam da criação do caos.

355

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinação que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam; não é o movimento de uma à outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço (Deleuze; Guattari, 1992, p. 53).

O juízo e o tribunal da avaliação da qualidade do texto sai da Academia de Letras e das associações científicas para ganhar mundo na leitura por (des)subjetivação e descontinuidade na emergência e proveniência da formação discursiva como raridade e desassossego que ultrapassa as coordenadas de longitude e latitude do mapa em que as inscrições marcam a fábrica de realidades que expressa-se pelo inconsciente como usina efervescente de fluxos virtuais, atualizados nas páginas com perceptos, *afectos* e conceptos moleculares. “A fabulação criadora nada tem a ver com a lembrança, mesmo que amplificada [...] com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as

passagens afetivas do vivido [...] toda fabulação é fabricação de gigantes” (Deleuze, Guattari, 1992, p. 202-203).

E na trama em que coexistem se tornam molares em variáveis na pragmática da experiência que se faz por relações móveis que são dobraduras sem descolamento dos processos, os quais as constituem. A dobra do ser é a criação de territórios de existências e é possível afirmar que a escrita é feita por dobras em exterioridade radical como literatura inventiva que também são processos de subjetivação e práticas de saber-poder.

O ser-saber e o ser-poder são modos de cuidado ético, estético e político de um nomadizar nos entremeios das forças entrecruzadas que vicejam desejos em modos de produção de corpos desfuncionalizados dos órgãos de um corpo orgânico encerrado na normatividade biológica essencializada pelas dogmáticas da ordem do discurso centrípeta pelo funcionamento do capitalismo mundial integrado.

[...] não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de Agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, infrapessoais (Guattari, 2012, p. 162).

Dançar com os conceitos e com a subjetividade é como deglutir lama, vegetais, restos, cerâmicas, animais em putrefação e (de)compor materialidades que fazem fertilidades diferenciadas e com níveis singulares de potência de atualização da transformação de si e do mundo (Rolnik, 2018).

Referências

- ANDRADE, O. *A Utopia Antropofágica*. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2011, p. 21.
- BOPP, R. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- CAPEAUX, O. M. *Mário de Andrade e a Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Faro Editorial, 2021.
- CASTRO, E. V. de. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: UBU, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Volume II*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular*. São Paulo: UBU, 2024.

HALL, S. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HARAWAY, D. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. São Paulo: N-1, 2023.

NEVES, E. G. *Sob os tempos do equinócio. Oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: UBU, 2022.

NICOLA, J. de; NICOLA, L. de. *Semana de 22. Antes do começo, depois do fim*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.